

Os lugares de fala da pessoa com deficiência: Entre metáforas poéticas e a insurgência crip

Places of speaking of people with disabilities: between poetical metaphors and the crip insurgence

Annibal Coelho de Amorim

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

annibalcoelho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0157-4527>

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

mvasconcellos@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-7679-9870>

Luciene de Aguiar Dias

Ministério da Saúde

Brasília, DF, Brasil

aguiar.luciene@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6914-0640>

Sônia Regina da Cunha Barreto Gertner

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

sonia.gertner@fiocruz.br

<https://orcid.org/0000-0003-3564-5039>

Recebido em: 5 de setembro de 2023

Aceito em: 5 de outubro de 2023

Resumo

O ensaio, ancorado na produção de conhecimento da sociologia e antropologia, serve-se de metáforas poéticas e da insurgência ético-estético-político resultante do movimento de pessoas com deficiência, ao abordar perspectivas contemporâneas do que se entende por outras possibilidades de lugares de fala. Os autores utilizam como metáforas os personagens de Cervantes em *Don Quixote* e o Mito da Medusa como ancoragem para discorrer sobre o tema, a partir das contribuições de Georg Simmel, Clifford Geertz, Marcel Mauss, Roberto Da Matta, entre outros. A chamada epistemologia crip e as lutas identitárias e emancipatórias surgem como elementos centrais do que postulamos ser os territórios existenciais das pessoas com deficiência, reconfigurando suas relações sociais e históricas com o “corpus” societário. O ensaio, ao dialogar com as Ciências Sociais, estabelece pontes com o “artevismo”. Este possibilita o enfrentamento das “normatividades dos regimes de visibilidade das capacidades humanas”, notadamente quando estes últimos restringem a acessibilidade e inclusão sociocultural da diversidade humana.

Palavras-chave: Metáforas, Pessoa com deficiência, Epistemologia crip, Insurgência estética, Territórios existenciais.

Abstract

The essay, anchored in the production of knowledge in sociology and anthropology, uses poetic metaphors and the ethical-aesthetic-political insurgency resulting from the movement of people with disabilities, when addressing contemporary perspectives of what is understood by other possibilities of places of speech. The authors use Cervantes' characters in *Don Quixote* and the Myth of the Medusa as metaphors to discuss the theme based on the contributions of Georg Simmel, Clifford Geertz, Marcel Mauss, Roberto Da Matta, among others. The so-called crip epistemology, identity and emancipatory struggles emerge as central elements of what we postulate to be the existential territories of people with disabilities, reconfiguring their social and historical relations with the societal “corpus”. The essay, when dialoguing with the Social Sciences, establishes bridges with “artivism”, which seeks to offer perspectives for confronting “regimes of visibility of human capabilities”, especially when the latter restrict the accessibility and socio-cultural inclusion of human diversity.

Key-words: Metaphors, People with disabilities, Crip epistemology, Aesthetic insurgency, Existential territories.

Introdução

A expressão “lugar de fala” usualmente se notabiliza por referir-se às pessoas que foram histórica e socialmente invisibilizadas e submetidas a determinados tipos de opressão. Sua visibilização deriva de seu capital simbólico, do “conhecimento de causa” acumulado em suas trajetórias socioculturais, que ajudam a localizar indivíduos ou grupos dentro da estrutura social.

Na proposta ensaística apresentada, o lugar de fala serve de ponte intercessora com a perspectiva ético-estética (Borges, 2015) e a insurgência política (Avelino, 2018). Ambas dialogam e anunciam diferentes maneiras de promover trocas, como “parte ativa das políticas e poéticas de acesso de um mundo a ser vivido e imaginado”, como proposto no Edital do Dossiê.

Na produção acadêmica, a expressão “crip” estabelece um dos pontos nodais do que se poderia denominar a interseccionalidade entre os estudos da deficiência - conhecidos como “*disability studies*” - e a teoria crítica das ciências sociais.

Ainda que a oralidade seja o sentido prevalente associado à expressão lugar de fala, pretende-se ressaltar a importância da imersão em outros sentidos estéticos (ocupações artísticas; instalações artevísticas; blogs/vlogs; minidocumentários; gamificações; contos de ficção; representações teatrais/INsquetes; museus sensoriais; Slam - batalhas de poesia falada, etc.), figurativamente representados aqui pela (r)existência insurgente.

O lugar de fala ganha direcionamentos múltiplos que não apenas se manifestam pela palavra como dádiva (Amorim, 2014, 2020) na tríade dar-receber-retribuir, mas pela utilização de capital simbólico sob outras formas ético-estético-políticas de se fazer presente na sociedade e na cultura em geral.

Propõe-se, portanto, ultrapassar o lugar comum, atribuído à expressão, uma vez que as cenas contemporâneas apresentam novas formas, onde conceitos e conteúdos se multiplicam, ofertando perspectivas pouco vivenciadas ou imaginadas.

Neste ensaio multiplicam-se os modos de andar a vida e as formas de expressão das lutas identitárias, particularmente aquelas voltadas aos territórios existenciais (Gertner, 2023) das pessoas com deficiência.

O estabelecimento de pontes intercessoras requer pessoas, planos, propósitos e perspectivas, para que esse “novo” lugar de fala assuma dimensões ainda pouco exploradas e colocadas em prática. O ensaio serve-se da metáfora de Don Quixote utilizada por Gertner (2023), o mito da Medusa, referida por Dias (2020) e da palavra como dádiva (Annibal, 2014, 2020), como dispositivos agenciadores de questionamento da corpo-normatividade, dos regimes de exclusão e da linguagem do déficit (Annibal, 2021).

Uma vez que tudo vem antes das palavras, propõe-se que arte e ativismo, aqui reunidos conceitualmente em artevismo, enfrente criativamente o *modus operandi* dos mecanismos de exclusão por uma postura transgressora e questionadora, notadamente quando se busca reconfigurar corpo e sociedade.

Quase sempre o processo formativo profissional, em grande parte, deriva de uma visão relativamente estreita e unidisciplinar, limitando a perspectiva multidimensional social e cultural. A possibilidade de imersão na temática da pessoa com deficiência, a partir das contribuições da sociologia e antropologia, por um lado representa a ruptura do padrão “disciplinar”, por outro, alarga e, ao mesmo, complexifica o que se propõe examinar.

Consideramos, pois, tangenciar o fenômeno do artevismo, que passa de forma mais ampla pelo campo das artes e do ativismo. E, nesse campo, estabelecem-se as diversas aventuras das relações de afeto, percepção e devir:

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afetos, inventor de afetos, criador de afetos, em relação com as percepções ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto (Deleuze & Guattari, 1992, p. 227-228).

Gavério (2017), ao se referir ao “nada sobre nós sem os nossos corpos”, remete-nos ao caráter existencial das pessoas com deficiência, cujos corpos foram sequestrados pelos regimes de visibilidade das capacidades humanas que, em boa hora, veem-se questionados socioculturalmente.

O percurso ensaístico recorre a Merri Lisa Johnson e Robert Mc Ruer (2017) que, em atividade na Universidade da Carolina do Sul, aproximam-se e fazem uso da expressão “*cripistemology*” para ressaltar a produção do conhecimento associado à

categoria pejorativa “*crippled*”. Expressões como essa encontravam-se subalternas ao modelo biomédico reafirmando a “monstruosidade”. Ao descolonizar o pensamento atribuindo-lhe um novo sentido - vinculado à justiça epistêmica como postula Fricker (2023) - desvia-se da linguagem como operadora do déficit na cultura.

Desse modo, o ensaio propõe explorar formas de representação simbólica, a partir de metáforas que dialoguem com a produção de conhecimentos das Ciências Sociais, particularmente das contribuições da Sociologia e Antropologia.

Entre metáforas surgem os territórios existenciais e o saber da experiência

No meio acadêmico, particularmente nas Ciências da Saúde, tornou-se lugar comum considerar as evidências científicas como palavras definitivas, que encerram (um)a verdade absoluta. Nessa perspectiva reafirmamos injustiça epistêmica de Fricker (2023), cujos meandros denegam saberes transdisciplinares produzidos por pessoas com deficiência em seu território existencial. Mais do que injustiça podemos considerar um epistemicídio daqueles que, com certeza, enriqueceriam a produção de conhecimentos, a ponto de mudarem diversos planos da realidade.

Interroga-se por que essa praxis ainda se difunde quando, na maioria das vezes, o chamado “saber integral”, estudado por Clifford Geertz (1983) como “saber local”, não é devidamente valorizado, ou sequer matriciado como translação de conhecimento. O ensaio, portanto, recorre às Ciências Sociais para ampliar o debate percorrendo caminhos que ajudam a distinguir conceitos como os de indivíduo, pessoa e sujeito de direitos.

Geertz (1983:85-96), apoiado nos conceitos de Heinz Kohut, traz à tona a “experiência-distante” e “experiência-próxima” para o debate. A primeira, é relativamente muito utilizada por analistas, pesquisadores e etnógrafos, para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos (p. 87), servindo-se do “desejo de nadar na corrente de experiências dos outros, e a ilusão posterior de que, de alguma forma, o fizemos” (p.89). Por outro lado, aqueles que valorizam a “experiência-próxima”, reverenciam a potência da tradição oral a que têm acesso. Ambos, por caminhos

diferentes, têm a ilusão de terem obtido por um segundo, acesso à experiência de “estar embaixo da pele do outro” (p.88). Geertz ressalta: “isto é exatamente o que a experiência-próxima significa – as ideias e as realidades que elas representam estão natural e indissolivelmente unidas” (p.89).

Geertz é taxativo acerca da tarefa que se nos avizinha:

[...] Captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência-próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social [...] (Geertz, 1983:88).

Quando em texto, acadêmico ou não, utilizamos a expressão “a nosso ver” referimo-nos à “experiência-distante” de outro sujeito, ativamente envolvido em determinada vivência. Na realidade fática utiliza-se a “experiência-próxima” de outrem. Por esta razão, o presente ensaio, em grande parte, resulta da descrição de “experiências-próximas” de pessoas com deficiência, os mesmos que sentem “na superfície de suas peles” as dores (discriminação, preconceito, estigmatização, etc), decorrentes da lógica biodeterminista, que reduzem os diversos territórios existenciais a meros parâmetros capacitistas/produtivistas.

A proposição *geertziana* de experiência-próxima aproxima-se do que La Bondía (2002) denomina como o “saber da experiência” “[...] sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva permitem apropriar-nos de nossa própria vida [...]” (p.27). Segundo o autor, duas pessoas expostas a um mesmo acontecimento têm vivências únicas, uma forma singular de estar no mundo, e de “[...] alguma maneira impossível de ser repetida [...] quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria [...]” (Bondía, 2002: 27). Assim, o saber da experiência: “[...] é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós [...]” (p.27), uma vez que está vinculado ao modo de conduzir-se no mundo (dimensão ética) e um estilo próprio (dimensão estética e porque não dizer política).

Ao abordar a distinção entre o experimento e o saber da experiência, Bondía (2002) destaca que é possível repetir um experimento, seguindo-se um passo-a-passo protocolar. De outra forma, o saber da experiência não pode ser repetido, porque implica necessariamente em territorialidade existencial, por que diz respeito sempre “ao que nos acontece, nos toca, nos move” (p.19).

Na abordagem geertziana, o saber local tangencia o senso comum como um sistema cultural, definindo-o como: “[...] um corpo de crenças e juízos, com conexões vagas, porém mais fortes que uma simples relação de pensamentos inevitavelmente iguais para todos os membros de um grupo que vivem em comunidade [...]” (Geertz, 1983:114). Este fato, por sua vez, é conflitante com La Bondía, uma vez que estar em “comunidade”, nem sempre significa partilhar do que todos pensam, sentem e deixam-se tocar.

Do sentido de comunidade, parte-se em direção ao que Borges (2015) denomina territórios existenciais ético-estéticos da saúde coletiva. O autor, apoiado em bases filosóficas, inclina-se à “fabricação de conceitos enquanto acontecimentos, a partir de suas múltiplas possibilidades” (p. 108), facilitando a proposição metafórica aventada no ensaio.

Segundo Borges (2015, p.108): “[...] O conceito, sempre fabricado, inventado a partir da assinatura das mãos que o cria (personagem conceitual), nunca permanece o mesmo quando transversaliza outros conceitos [...]”.

No momento em que se assume a proposição conceitual *borgeana* de territórios existenciais ético-estéticos, aplicando-a às pessoas com deficiência, estabelecemos como premissa que os regimes de exclusão não se limitam ao corpo normativado, mas se estende também à toda geografia humana.

Segundo Deleuze e Guattari, “todo conceito remete a um problema, problemas sem os quais não teriam sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução” (1992: 24). Portanto, as metáforas e as figuras de linguagem utilizadas no ensaio, ao mesmo tempo que assinalam a presença do problema, buscam apresentar perspectivas de solução artevística, por assim dizer. Na cena contemporânea das lutas identitárias dos territórios existenciais das pessoas com deficiência, estas beneficiam-se tanto do modelo social, quanto das perspectivas inovadoras apresentadas

pelo modelo cultural. Gertner (2023), em tese de Doutorado, ressalta Waldschmidt, Berrenssen & Ingwersen (2017), ao afirmarem o modelo cultural:

[...] como um ato político de renomeação que designa a deficiência como um local de resistência e uma fonte de agência cultural anteriormente suprimida e não apenas a vivência da deficiência como encontros discriminatórios. (Gertner 2023, p. 87)

Frise-se, no entanto, que Gertner (2023) apoiada nas premissas de Waldschmidt, Berrenssen & Ingwersen, concorda com as pesquisadoras que o modelo cultural não pretende substituir o modelo social da deficiência ressaltando que “[...] os estudos críticos de deficiência devem reconhecer que a deficiência é social e culturalmente construída.” (p. 86-87).

A “encruzilhada” histórico-social enfrentada por pessoas com deficiência aponta caminhos distintos. Um, ao denunciar que seus territórios existenciais são completamente “esquadrinhados” (Michel Foucault, 1999, 2013). Outro, ao identificar caminhos alternativos como os do enfrentamento dos regimes de exclusão e de inacessibilidade.

Medusa como metáfora contemporânea da luta das pessoas com deficiência

Surge, pois, no horizonte o mito da Medusa (Dias, 2020). Utilizando-se da mitologia grega, Dias (2020) analisa a gestão do SUS em sua relação com a saúde do trabalhador. Neste ensaio, Medusa amaldiçoada por Atená, ao invés de cabelos possui a cabeça cheia de serpentes, permanecendo exposta à mortalidade. Sabendo que encarar Medusa era expor-se ao risco da petrificação, Perseu ganha de Atená – deusa da inteligência estratégica e guerra – escudo de bronze que o ajuda a saber onde Medusa se localiza, antes de desferir-lhe o golpe mortal.

Tomando a Medusa como metáfora contemporânea, estabelece-se analogia entre as serpentes da cabeça com aquelas que hoje petrificam as pessoas com deficiência. Podemos atribuir a cada uma das “serpentes da Medusa de hoje” as seguintes denominações: capacitismo (estrutural); corponormatividade; discriminação; inacessibilidade; estigmatização; injustiça epistêmica; preconceito; exposição à linguagem do déficit; mistificação e exposição à caridade “religiosa”; caráter eugênico de certas posturas sociais; invisibilidade político-social; negação da subjetividade e do saber da experiência/conhecimento de causa, entre outras.

Figura1. Imagem que retrata cena do mito da Medusa¹.



Fonte: Tese de Luciene Dias Aguiar, p. 92, apud Wikimedia Commons , Pintura de Crisaor e Pégasus, acesso em 14/07/23 em

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edward_Burne-Jones_-_The_Death_of_Medusa_I_1882.jpg.

Descrição da imagem: A imagem é a representação artística de uma cena da mitologia grega. No centro, há um homem chamado Perseu. Ele usa uma armadura e um capacete com asas, segurando uma espada e a cabeça decepada de Medusa, que tem serpentes no lugar dos cabelos. Ao centro ainda, há um cavalo alado, o Pégaso, e um homem pequeno e nu, o Chrysaor, ambos nascendo do sangue de Medusa. No canto inferior esquerdo, o nome "MEDUSA" está escrito, indicando a figura decapitada no chão com o corpo de uma mulher e cauda de serpente. A cena transmite uma sensação de movimento e a conclusão de uma batalha épica.

Nesse sentido, a metáfora ressalta a importância do enfrentamento cotidiano que a Medusa nos impõe, ora pela produção de conhecimento epistêmico das pessoas com deficiência, suas lutas anticapacitistas dentro e fora das instituições, pela consolidação e

1

aplicabilidade do ordenamento jurídico (tais como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2007) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI, (Brasil, 2015), entre outras lutas identitárias possíveis.

Recear a petrificação da Medusa contemporânea é alimentar a sede insaciável de suas “serpentes”. Tal como a Medusa mitológica, a de hoje é igualmente mortal, e precisa ser combatida estrategicamente, partindo do saber da experiência dos territórios existenciais das pessoas com deficiência.

Os desafios interpostos às pessoas com deficiência, na maior parte das vezes, tornam-se evidentes sociopoliticamente e se dão pelos lugares de fala em cada território existencial. O que outrora era o “não lugar”, o “vazio”, a “lacuna assistencial” ou “a invisibilidade” encontram hoje na epistemologia crip o espaço de insurgência postulada por Avelino (2018) baseado no pensamento político de Michel Foucault.

De igual forma, o conceito de “estrangeiro” na teoria interacionista sociológica de Simmel e a antropologia social de Mauss (2003), são ferramentas essenciais à desmistificação, por meio da qual o uso da palavra como dádiva abre passagem para outros “lugares” de fala da pessoa com deficiência, que se fazem tão necessários na contemporaneidade (Santos, 2020). Ressalte-se ainda que a perspectiva de política pública como “estrangeira”, objeto de análise no campo da humanização da atenção e gestão da saúde no SUS (Amorim, 2014, 2020), contemporaneamente se mantém como uma das “serpentes” *medusianas* ativas nas cabeças de profissionais de saúde. Dessa forma insistem em reduzir sujeitos de direitos sanitários à condição de objetos, deslegitimando, por exemplo, todos os territórios existenciais de pessoas com deficiência. Assim, a partir da análise *simmeliana*, credita-se a este ensaio uma “constelação de significados”, onde a metáfora do estrangeiro pode dar lugar à proximidade ou o distanciamento, dependendo das circunstâncias vivenciadas em territórios existenciais ético-estéticos.

Não é novidade o apagamento do sujeito pela medicina. A fala do sujeito, ao longo da história da medicina, tornou-se irrelevante, superada pelos sinais e sintomas,

sempre objetivos. Esse apagamento deu-se na marcha histórica da medicina atingindo diretamente a subjetividade dos sujeitos, como se fosse aceitável apagar essa dimensão. A categoria social saúde, em especial a saúde coletiva, ao invés da categoria “científica” medicina, tenta recuperar o histórico e lastimoso apagamento dos sujeitos, objetos da ação médica ao longo dos séculos.

Mauss (2003) lembra que a palavra se faz corpo na pessoa e habita a ancestralidade triádica do “dar-receber-retribuir”. Assim como Pinheiro (2001), baseada em Dumont, ressalta a ideia de que “as pessoas só são o que são através das relações entre elas, só se poderia compreender o tipo de indivíduo formulado na modernidade analisando o processo histórico que o configurou” (p.9), sem esquecer a dimensão ética dessas inter-relações.

Machado (2008), em acordo com Norbert Elias, por outro lado, ao examinar o individualismo destaca que as sociedades tradicionais contribuíram para o surgimento da “identidade-nós”, enquanto nas sociedades modernas muito mais complexas favoreceram a “identidade-eu”.

Duarte (2017), ressalva que “em sua intrínseca relação com a sociedade ocidental” a ideologia do individualismo, “em seu formato mais pleno, aspira a superação da hierarquia, pelo cultivo dos valores da igualdade e da liberdade” (p. 737), que “não podem ser confundidas com as implicações de poder e dominação” (p.736).

A nosso ver, as questões remetidas às relações indivíduo *versus* sociedade podem representar um impasse acadêmico. Contudo, no plano das relações sociais, podem apontar aspectos singulares entre territórios existenciais distintos – entes viventes com necessidades específicas diferentes – dando margem às perguntas que se levantam neste ensaio, como a seguir

- Qual o lugar de fala comum possível entre pessoas com deficiência (que são sujeitos de direitos sanitários) de coletivos diferentes do seu? Como produzir intersubjetividades e outros lugares de fala?

Roberto Da Matta traz contribuições substanciais sobre o tema em seus trabalhos. Em “Você sabe com quem está falando?” (1997, 2020) acentua a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil –, que reproduz a verticalidade (da carteirada), muito

presente em interações sociais de determinados profissionais. Estes, em muitas oportunidades, desconhecem o saber da experiência e as especificidades dos territórios existenciais de pessoas com deficiência, que insurgindo-se denunciam, por exemplo, lacunas assistenciais no Sistema Único de Saúde.

Muitos dos “experts” da saúde pública desconhecem a importância da LIBRAS e, na maioria das vezes, não a utilizam no cotidiano das práticas de saúde. Ainda hoje, no terceiro milênio, comportam-se como pretensos “deuses do Olimpo” e reduzem pessoas aos rótulos diagnósticos, que se espriam na cultura por meio da difusão progressiva da linguagem do déficit (Amorim, 2022), característica marcante da prática biomédica.

Quando se trata do desenho de pesquisas sobre a temática da deficiência, pesquisadores, usualmente, não envolvem a produção epistêmica e o saber da experiência (conhecimento de causa) destes sujeitos de direitos. Desconsideram a importância do caráter emancipatório (Martins et al, 2012), através da construção colaborativa desde os primeiros momentos até o seu processo de avaliação (Costa et al, 2023).

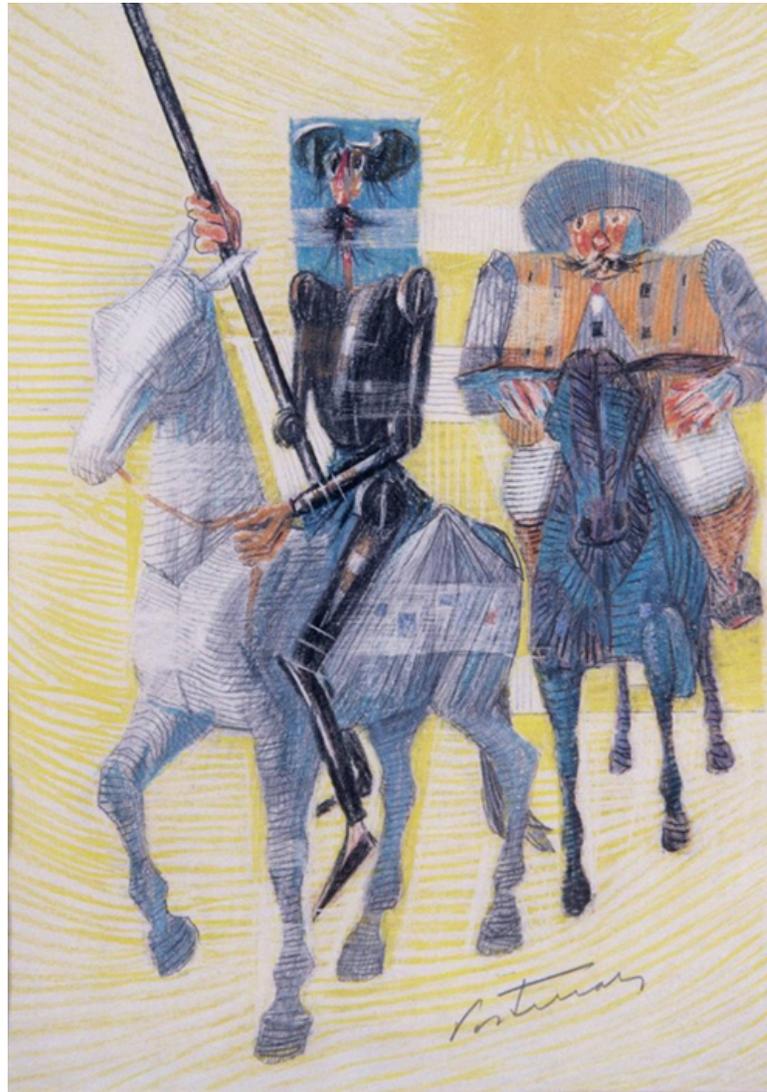
Eis que surge em cena Don Quixote (Gertner, 2023) como metáfora a ser explorada.

Don Quixote, Rocinante, Dulcineia e Sancho Pança – e os territórios existenciais das pessoas com deficiência

Gertner (2023) utiliza a metáfora de Don Quixote, um clássico de Cervantes (1605, 2005), em sua tese de Doutorado “Direitos da Pessoa com Deficiência – visibilidades e invisibilidades – Estudo de Caso da Fiocruz”, e é através da metáfora do “cavaleiro andante”, que esse segmento explora territórios existenciais em forma de cavalgada.

Se na mitologia Grega a Medusa dá luz à Pégaso um cavalo alado, Cervantes dá luz à Don Quixote, atribuindo ao cavalo Rocinante a condução do cavaleiro, em sua trajetória de enfrentamento dos “moinhos de ventos”, em busca da tão sonhada utopia em nome da justiça.

Figura 2 - Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras, (Portinari, 1956)²



² Gertner, a cada abertura de capítulo da tese apresenta uma pintura de Portinari, da série do artista sobre Don Quixote, (1956).

Tese de Gertner (2023), Fonte: Revista Prosa, Verso e Arte (2017). Descrição da imagem: A imagem é uma ilustração colorida de figuras estilizadas de dois cavaleiros: Dom Quixote e Sancho Pancho. Eles estão desenhados com traços e formas que lembram um esboço. O fundo é amarelo com linhas que dão a impressão de raios de sol irradiando do canto superior esquerdo. O cavaleiro à esquerda está montado em um cavalo branco e segura uma lança longa com a mão direita. Ele está vestido com uma armadura medieval preta, O cavaleiro à direita também está montado em um cavalo, que é cinza com traços azuis, e veste uma armadura marrom e azul. A assinatura do artista Portinari está no canto inferior direito.

Muitas poderiam ser as interpretações possíveis para os personagens deste clássico da Literatura, evidenciando aspectos da introdução, onde se aventa a perspectiva de diferentes formas de “lugares de fala”, que dão passagem às interlocuções neste ensaio.

As caminhadas em territórios existenciais das pessoas com deficiência tornam-se mais plenas quando ao personagem central quixotesco somam-se outros. Dulcineia, por quem Don Quixote é apaixonado, pode representar o amor fidedigno à causa da pessoa com deficiência, em sua cotidiana e “insana” persistência de enfrentar os diferentes “moinhos de vento” – representados aqui pelas barreiras atitudinais, comunicacionais, institucionais, políticas –, amplificadas pelo capacitismo interposto pela sociedade e os regimes de exclusão.

Pégaso mitológico voava e Rocinante, cavalo comum, carrega no seu dorso um cavaleiro cheio de sonhos utópicos. Sendo este último, animal sem poderes mitológicos, tanto quanto o cavaleiro precisa do alimento e descanso, de modo que a caminhada chegue a bom termo. Estas figuras de linguagem demonstram que o percurso atual é árduo e por vezes doloroso, mas requerem propósitos determinados, e a expectativa de que o sonho seja tangível, ainda que em momentos se faça necessário o uso de “lanças”, travando batalhas ao enfrentar diferentes “moinhos de vento”.

Se de um lado existe uma paixão – Dulcineia – que alimenta com amor a cavalgada, por outro, toda trajetória isolada e sem apoio, pode se configurar como eterna solidão. Faz-se necessário companheiro de jornada – Sancho Pança – que em muitos momentos aconselha Quixote que os moinhos não são dragões, são tão somente moinhos, evitando que o desgaste da cavalgada se perca em delírios ensimesmados do cavaleiro andante.

Na metáfora trazida à baila por Gertner (2023) fica patente o efeito confrontador diante da majestosa imagem do Castelo. Seu estudo de caso, conduzido com fidalguia, leva a bom termo, o que poder-se-ia chamar a transformação de um sonho em possibilidade concreta de ultrapassar os obstáculos e invisibilidades institucionais.

Na figura 3 (abaixo), destaca-se uma cavaleira e ao seu lado uma criança que a acompanha. Ambas têm “lanças” e ao fundo percebe-se um Castelo. Em livre interpretação, os autores ressaltam que enfrentar “castelos”, “moinhos” “medusas” e/ou “serpentes”, é uma tarefa a ser assimilada da forma mais precoce possível. Lembremo-nos que as lutas decoloniais anticapacitistas devem, cada vez mais, passar também pelas “mãos” e as “mentes” de jovens guerreiros(as), de todos os sexos, gêneros, raças, etnias e classes sociais, configurando o que se denomina como a geografia da diversidade humana.

Figura 3 – Mulher quixotesca e uma criança³

³ Na citada tese, Gertner encontra inspiração no clássico da literatura de Cervantes, associando a busca de Quixote pela justiça a todas as formas de luta pelos direitos de ser e estar das pessoas com deficiência. Na introdução narra a história de uma mãe que corre o mundo em busca de justiça para seu filho com deficiência. A gravura de Maria Carolina, feita exclusivamente para a tese, ilustra essa passagem.



Fonte: Gravura de Maria Carolina para tese de Gertner, pag. 218, (2023). Descrição da imagem: A imagem mostra dois cavaleiros montados, ambos segurando bandeiras que ondulam ao vento e na outra mão as lanças. A imagem à esquerda é uma mulher com cabelos longos e uma capa rosa, enquanto o cavaleiro à direita é um homem negro com uma capa vermelha e chapéu. Eles parecem estar em um terreno aberto, com linhas que sugerem movimento ao redor deles. No fundo, há um castelo branco com torres, que lembra o símbolo da Fiocruz. No lado direito superior um sol radiante com raios proeminentes. A arte tem um estilo de desenho com linhas simples e cores suaves.

A cavalgada de Don Quixote, finalmente, deixa como potência intercessora que os territórios existenciais das pessoas com deficiência precisam ser percorridos com paixão, com alimento para o corpo e alma dos caminhantes, com companheirismo, e acima de tudo, acreditando que é possível enfrentar “moinhos de ventos”. Será a caminhada agregadora de princípios, valores e saberes da experiência encontrados em cada território existencial percorrido.

Na “gramática da escrevivência e artevismo” (Evaristo, 2020; Amorim, 2023) creditamos à circulação das boas novas sociológicas e antropológicas, dispositivos imprescindíveis que, entre outros aspectos, pressupõem o dar-receber-retribuir, como campo aberto de possibilidades para a inclusão insurgente dos sujeitos de direitos sanitários, em uma perspectiva político-sociocultural.

Afinal, somos todas(os) cavaleiras(os) em direção à justa utopia e aos inumeráveis lugares de fala das pessoas com deficiência! Caminhemos, pois, a ressignificação crítica da dicotomia entre corpo e sociedade (Gavério, 2017) continua como sonho possível!

Considerações Finais

Neste ensaio, metáforas se constituíram em recursos que apontam para a importância dos potentes e diferentes lugares de fala das pessoas com deficiência, que se transformaram em territórios de passagem existenciais. São inúmeros os recursos que podem ser acionados, ora sob a forma de ritos, tradições culturais, dispositivos comunicacionais, potencializando no dia a dia, a travessia sociocultural de indivíduos e coletivos identificados com a temática da deficiência em lutas insurgentes.

De pessoas a pessoas, que não podem ser reduzidos a metadados, observa-se que a riqueza do universo a conquistar, manifesta-se em metamorfoses (cavalgantes, ambulantes etc.), conferindo-lhes utopias dos sonhos quixotescos sempre possíveis, ou mecanismos estratégicos de enfrentamento das Medusas contemporâneas.

As Ciências Sociais, particularmente a Sociologia e Antropologia, têm muito a oferecer à reconfiguração do corpo e da sociedade, aqui representadas em aventuras míticas, propiciando transformações ético-estético-político-existenciais. Da condição *simmeliana* do “estrangeiro” sem um lugar para chamar de seu, do outro lado, a cena contemporânea é propícia à consolidação da justiça epistêmica insurgente, dos que vêm para ficar e falar de formas diversas com o saber da experiência de seus territórios.

Lutar por direitos em territórios existenciais faz-se necessário e não se limita ao seu caráter (geo)físico, mas transbordam em formas ético-estético-político-existenciais, que transgridem a normatividade que exclui e segrega práticas corporais da diversidade

humana. Fala-se de lugares singulares e, ao mesmo tempo, plurais como a própria geografia humana deve traduzir.

Os autores do ensaio consideram relevante que trocas sociativas sejam estabelecidas entre diferentes territórios existenciais de pessoas com deficiência. Isto potencializa o caráter insurgente de lutas identitárias preservando suas respectivas especificidades.

Finalmente, a Medusa e as serpentes de hoje estão sob as novas perspectivas da epistemologia crip e como tal não mais petrificam os territórios existenciais. Don Quixote e seus companheiros de cavalgada, dia após dia, reafirmam que as lutas contra os moinhos de vento neoliberais são justas e possíveis. O “estrangeiro” não mais está de passagem, sabe de onde vem e para onde se destina, ocupando todos os lugares de fala possíveis e imaginados, vivenciados como saberes de experiências na diversidade da geografia humana.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Annibal C. A Política Nacional de Humanização no SUS: a palavra como “dádiva” na subjetivação da atenção em gestão em saúde. IN: *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, e46391211370, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.11370>

AMORIM, Annibal C. Deficiência e COVID-19: “fazer viver e deixar morrer”? IN: *Research, Society and Development*, v. 11, n. 2, e27111225803, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25803>

AMORIM, Annibal C. “*O Espetáculo da Loucura*” – *Alienismo Oitocentista ... Psiquiatria do III Milênio: A construção social da linguagem do déficit e a progressiva Enfermidade da Cultura*. Dissertação de Mestrado, UERJ, Rio de Janeiro, 1997.

AMORIM, Annibal C. Tudo vem antes das palavras: Escrivências e Artevismo. E.book, no prelo, Pós-doutorado (Depto de Diversidade Existencial e Direitos Humanos da Pessoa com Deficiência da Escola Nacional de Saúde Pública/ DIHS/ENSP/Fiocruz), RJ, 2023a.

AMORIM, Annibal. C.; COSTA, Laíá. S.; GERTNER, Sônia. B.; FEMINELLA, Anna. P.; BERNARDES, Vitória. A linguagem como operadora do déficit na cultura: O viés capacitista na saúde e educação. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 9, p. e21210917889, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.17889. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17889>. Acesso em: 20 set. 2023.

AMORIM, Annibal C. A Política Nacional de Humanização – PNH: O método da tríplice inclusão e a participação social de gestores, trabalhadores da saúde e usuários do/no SUS. Tese (Doutorado) Programa de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ENSP/Fiocruz, RJ, 2014

AVELINO, Nildo. Introdução: pensar a política com Foucault. In: *O Pensamento Político de Michel Foucault*, Orgs Nildo Avelino & Salvo Vaccaro, SP, Intermeios, 2018.

BORGES, Silier A. C. Territórios existenciais ético-estéticos em saúde coletiva. IN: *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 107-113, maio-ago., 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1012>

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União:

seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/civil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 7 set. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília: CORDE, 2007.

COSTA, L. S.; AMORIM, Annibal; GERTNER, Sônia R.C.B. et al. (org.). Itinerário de reflexões e práticas de acessibilidade e inclusão: a potência do Fórum Interinstitucional. Rio de Janeiro: IdeiaSUS/ENSP/Fiocruz, 2022. p. 31-37. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/57248>. Acesso em: 14 abr. 2023.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do dilema Brasileiro*. RJ: Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto. *Você sabe com quem está falando?* Estudos sobre o autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco Ed. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIAS, Luciene A. *O Mito da Medusa: gestão do SUS e saúde do trabalhador*. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), Fiocruz, Rio de Janeiro, 2020.

DUARTE, Luiz F. D. *Sociologia dos valores: Louis Dumont na antropologia contemporânea*. IN: *sociol. Antropol., Rio de Janeiro, v.07.03: 735 –772, dezembro, 2017*.

EVARISTO, Conceição. *A Escrivivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 27a Ed, SP: Graal, 2023.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5a Ed, SP: Loyola, 1999.

FRICKER, Miranda. *Injustiça Epistêmica: O Poder e a Ética do Conhecimento*. SP, EDUSP, 2023.

GAVÉRIO, Marcos A. Nada sobre nós sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos Disability Studies. IN: *Revista Argumentos*, 2017. Disponível em: www.periodicos.unimontes.br/argumentos Montes Claros, v.14, n.1, p. 95-117, jan/jun. Acesso em: 13 jul. 2023.

GAVÉRIO, Marco Antônio. Funciono, logo existo? - a deficiência como ficção. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. RJ: Vozes, 1983.

GERTNER, Sônia R. C. B. *Direitos da Pessoa com Deficiência - visibilidades e invisibilidades: estudo de caso da Fiocruz*. 2023. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), Fiocruz, Rio de Janeiro, 2023.

JOHNSON, Lisa M.; MCRUER, Robert. Proliferating Cripistemologies: virtual roundtable. Published in: *R. Journal of Literary & Cultural Disability Studies*, Vol 8, Issue 2, p. 149-169, 2014 Em: <https://muse.jhu.edu/article/548848/pdf>

KOURY, Mauro G.P. *O Estrangeiro*. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Sociologia. In: RBSE, 4(12), *Estudos sobre as formas de socição*. Berlin: Humblot, [1908], 2005. pp. 509-512

LA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. IN: *Revista Brasileira de Educação*, n 19 Jan/Fev/Mar/Abr., 2002.

MACHADO, Maximiano L. *A relação entre indivíduo e sociedade em Louis Dumont e Norbert Elias*. Anais do XIII Encontro Estadual Da Anpuh-Pb, História e Historiografia: entre o Nacional e regional. Universidade Estadual da Paraíba, 2008. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2014%20-%20Maximiano%20Lopes%20Machado%20TC.PDF. Acesso em 16 jul.2023

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Paris, Cosac & Naify, Presses Univ., 2003.

MARTINS, B. S. et al. A emancipação dos estudos da deficiência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 98, 2012. DOI: 10.4000/rccs.5014.

MELLO Anahi G., GAVÉRIO Marco Antonio. Facts of cripness to the Brazilian:

dialogues with Avatar, the film. *Anuário Antropológico*, volume 44, n.1, 2019, 43-65.

PINHEIRO, Clara Virginia Q. Indivíduo e Sociedade: Um estudo sobre a perspectiva hierárquica de Louis Dumont. In: *Revista mal-estar e subjetividade, Fortaleza*, V. 1, N. 1, P. 94 - 105 , Set. 2001.

SANTOS, Patrícia S. Figuras párias em Georg Simmel: a mulher, o pobre, o estrangeiro. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 2, p. 259–269, maio 2020.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As Sociologias de Georg Simmel*. Pará: EDUSC, UFPA, 2005.

WALDSCHMIDT, Anne; BERRESSEM, Hanjo; INGWERSEN, Moritz. (ed.). *Culture – Theory – Disability: encounters between disability studies and cultural studies*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctv1xxs3r>. Acesso em: 3 mar. 2023.